

REVISTA

— DE —

ENSINO AO SURDO

PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFESSORES DE SURDOS

ANO II

Rio de Janeiro, (D. F.), 1955

Ns. 4/5

NESTE NÚMERO :

- ☆ *PODE O SURDO GUIAR VEÍCULOS ?*
- ☆ *PROBLEMAS DE SURDEZ EM SÃO PAULO.*
- ☆ *INSTRUÇÕES AOS PAIS.*
- ☆ *A POESIA E OS SURDOS.*
- ☆ *ELZA DREIFUSS — SURDA E CEGA... MAS FELIZ*

NÚMERO
DE
ANIVERSÁRIO

PREÇO :

Cr\$ 20,00

E OUTROS TRABALHOS DE INTERESSE
PARA AS PESSOAS QUE CONVIVEM COM
SURDOS OU ENSURDECIDOS

**REVISTA
DE
ENSINO AO SURDO**



REVISTA TRIMENSAL DA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PROFESSORES DE SURDOS



DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Prof. Regina Rondon Krivochein

REDATOR:

Prof. Jorge Mário Barreto



ENDEREÇO:

Rua Cardoso Junior, 280
Laranjeiras - D. Federal
BRASIL

Telefone 45-8674



A direção não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados.

DESEJAMOS ESTABELECEER PERMUTA
DESEAMOS ESTABLECEER EL CAMBIO
WE WISH TO ESTABLISH EXCHANGE
DESIDERIAMO STABILIRE CAMBIO
ON DÉSIRE ÉTABLIR ÉCHANGE
AUSTAUSCH ERWUNSCHT



**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE
PROFESSORES DE SURDOS**

(Fundada em 21-8-1952)

PRESIDENTE :

PROF. JOÃO BRASIL SILVADO

SECRETARIA :

PROF. LÉA BORGES CARNEIRO

SECRETÁRIA-SUPLENTE — PROF. NANCY TEIXEIRA DE GODOY

TESOUREIRO — PROF. ANTÔNIO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

**DIRETORA DE BIBLIOTECA
E PUBLICAÇÕES**

PROF. REGINA RONDON KRIVOCHÉIN

**DIRETOR DE CURSOS
E CONFERENCIAS**

PROF. FELIPPE CARNEIRO

**DIRETOR DOS INTERESSES
DO MAGISTÉRIO**

PROF. MARIJESO DE ALENCAR BENEVIDES

Nosso Primeiro Aniversário

Com o presente número, completa a "REVISTA DE ENSINO AO SURDO" o seu primeiro aniversário.

Idealizada por um pequeno grupo de professores de surdos pode ser tomada como uma audaciosa aventura, levando em conta as dificuldades que surgem aos que se lançam nesse gênero de publicação.

A nossa mensagem, lançada a todos os círculos ligados à didática especial do surdo: centros culturais, educacionais, professores, médicos, etc., teve a acolhida por nós esperada, principalmente dos países de além-mar.

Inúmeras cartas e publicações especializadas foram recebidas estabelecendo-se assim o intercâmbio cultural que almejavamos. Na seção competente publicamos a relação de revistas com as quais ficou estabelecido o intercâmbio, até o presente.

Contudo, desejaríamos que todos viessem participar dessa nossa aventura, tomando contato conosco e fazendo vitoriosos os nossos objetivos educacionais.

Aos que têm cooperado, apresentamos os nossos sinceros agradecimentos, renovando o convite à colaboração, pois só com um trabalho de equipe poderemos alcançar o que almejamos: o aperfeiçoamento e aprimoramento do ensino ao surdo.

A DIREÇÃO

MATERIAL PEDAGÓGICO

pelo prof. J. MARIO BARRETO

Todos os que militam no campo da pedagogia de surdos conhecem as dificuldades existentes no que se relaciona ao material e, é justamente nos primeiros anos, quando se inicia a criação do vocabulário e onde recorremos a gravuras, visando sua fixação, que mais se faz sentir a pobreza e a impropriedade das gravuras "achadas" no manuseio diário de diversas revistas nacionais e estrangeiras.

Há muito, tínhamos organizado nosso fichário, procedendo ao recorte e colagem de gravuras, que nos proporcionasse, sempre que necessário, a objetivação de nossas aulas. Devemos confessar, entretanto, que esse material, paciente e longamente colecionado, não satisfazia, inclusive por inexistir estética no tamanho e impressão dos mesmos.

Procurando minorar essa situação, organizamos agora, uma bateria, que será impressa em diversas cores e em formato padrão, além de bem definidos os desenhos, obedecendo ao seguinte grupamento:

- 1 — material escolar, inclusive o de uso em sala de aula
- 2 — animais;
- 3 — doces, balas, biscoitos e sorvetes;
- 4 — vestuário (masculino e feminino); cama e mesa
- 5 — frutas; árvores frutíferas;
- 6 — flores e plantas;
- 7 — instrumentos de trabalho (lavoura, sapataria, marcenaria, alfaiataria, encadernação, tipografia, escritório, mecânica, etc.);
- 8 — Objetos de higiene individual e de casa;
- 9 — meios de transportes;
- 10 — brinquedos;
- 11 — comidas e bebidas (cereais, verduras e legumes);
- 12 — partes da casa;
- 13 — mobiliário;
- 14 — partes do corpo;
- 15 — fixação de elementos fonéticos aprendidos, através da aplicação em palavras;
- 16 — estações do ano;
- 17 — principais acidentes geográficos;
- 18 — lojas e armazens (locais onde se adquirem mercadorias);
- 19 — profissões civis e militares;
- 20 — instrumentos de música;
- 21 — cores.
- 22 — dinheiro (moedas e notas)

Pensamos que a bateria ora planejada, servirá para as diversas modalidades de aprendizagem da criança surda, uma vez que além da gravura, conterà em separado, a forma escrita correspondente.

Frisamos que a presente bateria poderá ser ampliada e adaptada

(Continúa na pág. 8)

O SURDO NA SOCIEDADE

O "CLUBE ALVORADA" que congrega deficientes da audição, já integrados na sociedade, ou em vias de sê-lo, vem de realizar os festejos comemorativos do seu 2.º aniversário, ocorrido nos dias 20 e 21 de maio último, com a seguinte programação :

Exposição de Pintura — no Clube Sírio Libanês, à rua Marques de Olinda, 38, às 16 horas.

Baile — no mesmo local, das 22 às 2 hs.

Missa — na Capela de N. S. de Lourdes, à rua São Clemente, 438, às 9 horas.



Grupo de surdos expositores

Os expositores foram : Cidinha Pereira, Déa Campos Lemos, Edith Paes Barreto, Fany Grin, Hélio Alberto Campos Vaz de Melo, Iran Alex Paiva Lima, João Escobar Filho, Lêda Tavares, Lúcia Perdigão, Maria Celis Garcia Bastos, Maria Regina Forin, Neusa Maria de Carvalho, Regina Lúcia Costa, Rosinha Zokner e Vilma Máximo Rosas.

A todos os que lá compareceram, foi dado observar o elevado nível cultural e artístico atingido pelos que apresentaram trabalhos.

O Padre Vicente Penido Burnier, presidente do Clube, pronunciou a seguinte saudação :

Caríssimos sócios. Estamos todos reunidos aqui para comemorar o II.º aniversário da nossa querida agremiação "Clube Alvorada". Aclamado presidente para representar as atividades do nosso clube, em benefício dos nossos companheiros de surdez, vou saudar a todos os presentes, exprimindo os meus sentimentos de alegria e de consolação.

Estou alegre porque vejo a realidade do nosso sonho : Fundar uma associação, que esteja ao alcance da ordem educacional, psicológica e profissional, promovendo a integração na vida social das pessoas deficientes da audição e da fala. Essa realização já está consolidada, apesar de muitas dificuldades e contratemplos, para que possamos continuar a nobre missão de cultivar e ampliar o nosso meio social. Espero que a minha alegria esteja também unida às alegrias dos nossos sócios fundadores, que já conseguiram aquilo que desejávamos através de muitas dificuldades de ordem material e moral. Essa alegria é o efeito da vitória dos nossos trabalhos abençoados por Deus.



Grupo de professores de surdos vendo-se ao centro o padre surdo Vicente Burnier

Estou consolado, porque vejo a existência da boa vontade e da perfeita compreensão das pessoas, que têm a felicidade de ouvir e falar, dispostas aos pesados trabalhos destinados ao alívio dos sofrimentos daqueles que não podem ou-

vir devido a sua deficiência. Essa consolação já está concretizada pela nossa conformidade e pela nossa amizade sincera e grata àqueles que nos ajudaram na educação da nossa vida corporal e espiritual.

Graças sejam dadas aos nossos queridos pais, dos nossos professores e aos nossos bemfeitores, que estão gozando a recompensa dos seus trabalhos feitos com paciência, coragem e amor, auxiliados pela sábia providência de Deus, Nosso Senhor.

Cumpre-me, agora, saudar aos sócios fundadores do nosso querido "Clube Alvorada", com minhas palavras de gratidão e admiração. Agradeço sinceramente a todos que tiveram a ótima idéia de fundar o nosso clube a fim de favorecer à integração dos surdos na vida social. Agradeço, muito especialmente, aos pais, aos professores e aos bemfeitores, que nos emprestaram os ouvidos, a prudência e a elevada cultura intelectual para nos ajudar nos trabalhos em benefício dos nossos companheiros de surdez.

Os meus sentimentos de admiração se dirigem à coragem, ao espírito de iniciativa, aos sacrifícios pessoais com que os sócios fundadores lutaram, até organizarem a nossa abençoada agremiação, em favor do progresso social, econômico, moral e religioso dos surdos no nosso querido Brasil. É que o nosso querido Brasil, diante dessa organização, feita em favor da cultura pedagógica dos surdos, já ocupa, agora, uma posição de honra e de admiração, em face dos outros meios sociais, já organizados em diversos países do mundo.

Quando estava eu na Europa e nos países norte-americanos, recebia curiosas perguntas a respeito das associações existentes no Brasil. Diante dessas perguntas, pude responder aos amigos que somente tínhamos assistência social aos surdos de caráter particular, embora tivéssemos amigos dispostos a fundar associações para o progresso intelectual, social e profissional dos surdos. Mas, agora, já poderei mostrar aos surdos de outros países que já temos uma associação, o Clube Alvorada, de fato, é o marco da civilização e da cultura da vida intelectual, moral e profissional da nossa Pátria, o Brasil. Por isso, saúdo a todos os sócios, aqui reunidos, com os meus melhores votos de prosperidade e felicidade.

Saudando, sinceramente, aos presentes, não posso deixar de lembrar-me, também, dos nossos professores, dos nossos bemfeitores e amigos que já partiram desta terra para outra vida mais perfeita na Bemaventurança eterna. Consideremos a realização do nosso sonho como verdadeiro fruto



COLEGA ! MANDE A SUA COLABORAÇÃO COM ANTECEDÊNCIA !

dos suores, dos esforços, dos trabalhos, da dedicação e da perseverança com que os nossos educadores maneжaram em beneficio de nossa integraçao social, moral e religiosa. Rezemos por eles. Assim, eles intercederao por nós junto a Deus, Nosso Senhor.

Creio que Deus, Nosso Senhor, esteja abençoando a perseverança dos nossos trabalhos em prol dos nossos companheiros de surdez. Espero que o nosso querido "Clube Alvorada", continue vivendo dentro das normas da Virtude e da Caridade, ensinados por Jesus Cristo, Nosso Senhor :

"Dou-vos um mandamento novo : que vós ameis uns aos outros, assim como Eu vos amei, para que vós também mutuamente vos ameis".

A tesoureira do Clube, snta. Vilma Máximo Rosas, dirigiu as seguintes palavras aos presentes :

"Meus senhores, minhas senhoras e minhas caras colegas,

Comemoramos hoje o segundo aniversário de nosso Clube, motivo de grande alegria e satisfação para todos nós.

Eu, como tesoureira, devo dizer que as nossas finanças não vão bem e que já tenho pronto o relatório para que todos possam verificar. Mas para realizarmos os nossos sonhos: uma sede própria, biblioteca, sala de trabalhos, etc., devemos com a ajuda de todos, fazer uma campanha para novos sócios e assim com mais recursos conseguiremos tornar realidade nossos desejos.

Agradeço em meu nome e em nome dos meus colegas do Clube Alvorada o que todos têm feito pela nossa causa.

Muito obrigado".

Ao Clube Alvorada e aos brilhantes expositores, a REVISTA DE ENSINO AO SURDO, reitera seus cumprimentos, tornando-os extensivos ao Clube Sírio-Libanês, pelo apoio e estímulo dados, franqueando sua sede para iniciativa de tão alto alcance.

(Fotos gentilmente cedidos pelo prof. Renato de Andrade)



Elza Dreifuss — surda e cega... mas feliz!

DR. L. COHN

Hellen Keller, a surda-cega que tem maravilhado o mundo com a sua inteligência e capacidade, teve na figura de Elza Dreiffuss, uma companheira de glória e infortúnio

Elza Dreiffuss natural de Francfort, Alemanha, viveu na cidade holandesa de Amsterdam. Possuía apreciáveis resíduos auditivos, quando decidiu estudar e diplomar-se numa escola da sua terra natal.

Aprendeu a leitura Braille e, mais tarde, o sistema Lorm que consiste de um método que torna possível a comunicação com os surdos-cegos.

O método Lorm foi inventado pela filha do poeta austríaco que lhe empresta o nome, a fim de se comunicar com o pai que ficara cego e surdo em consequência da velhice.

O sistema consiste de uma série de contatos e pequenas batidas sobre diversas partes da mão de uma pessoa. Depois de vários exercícios, o surdo-cego compreende suficientemente esta maneira de comunicação.

Elza Dreiffuss sendo inteligente, aprendeu rapidamente este sistema que lhe permitia manter uma conversação.

Com a ajuda da escrita Braille e do sistema Lorm, Elza aprendeu acuradamente, o francês, o inglês e o esperanto.

Quando os seus pais emigraram para Amsterdam em 1938, ela fez publicar um anúncio num jornal para cegos, a fim de en-

contrar uma pessoa que pudesse ensinar-lhe o holandês por correspondência.

Quando a conheci em 1940, ela já sabia muito bem o holandês e já se podia falar correntemente com ela.

Gostava de ler os livros em Braille existente nas Bibliotecas de Amsterdam e Grave, mas lamentava a dificuldade de compreender as derivações de uma língua estrangeira; isto, no entanto, não a impediu de estudar o latim.

Ao ser-lhe revelado as numerosas dificuldades de se fazer tal estudo, ela me respondeu, num tom decisivo: "Esta dificuldade não existe para mim". Começamos o estudo de latim e tal foi o seu aproveitamento, que após 14 meses já traduzia sem esforços o "Bello Gallico" de Júlio César, escrito em Braille especialmente para ela.

Elza Dreiffuss manteve uma correspondência enorme em vários idiomas com outros cegos-surdos a quem sempre soube consolar e confortar. Era muito corajosa e soube suportar com resignação a sua dupla deficiência.

Interessava-se por tudo que via neste mundo e sempre me recebia com estas palavras: — "Primeiro as notícias e depois... ao trabalho"...

Os seus escritos nos revelam a sua vida interior. Sob o título: "Et quand meme"... (E Todavia...), escreveu:

“Eu não sei nem ver, nem sentir e, todavia, sinto-me inundada de luz. A desventura não tem podido destruir os olhos e os ouvidos de minha alma. No chilrear dos pássaros, o azul do céu, os sons e a luz não existem para mim. E, todavia, não sou infeliz, porque o eco dos sons e a luz se encontram em mim”.

A respeito de Amsterdam escreveu:

“Amo-te muito, com os teus canais de verdura primaveril, com as tuas embarcações e as tuas pontes. Por sua história e tradição, Amsterdam me torna feliz. Quanto prazer eu nela encontro!”

Isto ela escreveu a respeito da cidade que apenas conhecia através do sistema Lorm.

Elza Deiffuss era hebraíca. Quando os soldados alemães ocuparam a Holanda, ela foi levada com a sua família para Theresienstadt. Durante essa mudança forçada, conservou o seu bom humor. No dia em que festejava o seu 30.º aniversário, disse-me: “Eu sou a criatura mais feliz do mundo, mas não tenho, infelizmente, tempo para

falar com todos os que vieram me visitar.”

Mais tarde, já com 32 anos, Elza Dreiffuss teve o fim de sua existência, bem como toda a sua família, ao serem enviados para as câmaras de gás.

Ela era privada de uma faculdade que, se necessária para um cego, o é, ainda mais, para uma pessoa também surda. Esta faculdade é o “sentido do obstáculo”, muito desenvolvido nos cegos. Este sentido encontra-se em toda a superfície do corpo e é assim que o cego percebe a aproximação de um obstáculo no qual, sem êle, tudo lhe será imperceptível.

Elza Dreiffuss batia frequentemente contra obstáculos, ferindo-se.

Resumindo: os cegos-surdos, que não somente suportam em lamentar a sua triste sorte, encorajam e consolam, também, os outros, dando um exemplo de grandeza de ânimo e de heroísmo.

(Traduzido por Júlio Cezar Vanni)

IL Piccolo Sordomuto - Siena
- Itália - 1953

(Continuação da pág. 2)

para outros ramos da pedagogia, como aliás já está nas cogitações de sua industrializadora, a qual vem procedendo aos primeiros entendimentos para esse fim.

Está confiada a habilidade de D. Célia Rocha, competente desenhista, a execução e industrialização da bateria em aprêço e contamos com a colaboração de nossos colegas mais esclarecidos, a fim de corrigirmos as falhas que ela contenha.

A POESIA E OS SURDOS

Publicamos a mais antiga poesia relacionada com os surdos, é de autoria do grande poeta espanhol **Lope de Vega Carpio**, contemporâneo de Juan Pablo Bonet, que ficou tão maravilhado ao assistir uma de suas aulas que transcreveu sua imensa admiração por meio da seguinte poesia, que publicamos no original.

*“Los que más fama ganaron
Por las ciencias que escribieron,
A los que ya hablar supieron
A hablar mejor enseñaron;
Pero nunca imaginaron
Que hallara el arte camino,
Que los defectos previno
De Naturaleza falta;
Sutileza insigne y alta
De vuestro ingenio divino.*

*La Retórica hallar pudo
El arte de bien hablar
Pero nunca pudo hallar
El arte de hablar un mudo.
El más rústico, el más rudo
Con lengua puede aprender
Hasta llegar a saber:
Pero hablar sin ella un hombre,
Asombra; pero no asombre
Si sois quien lo pudo hacer.*

*Que si Dios puesto no hubiera
Tan divino ingenio en vos,
Sólo del poder de Dios
Digno este milagro fuera.
De donde se considera
(Debajo de la doctrina
Que la fé nos determina)
Pues que Dios lo puede hacer
Que os sustituya el poder
La misma ciencia divina.*

*Que lo posible pudistes
Con alto ejemplo se ve;
Tan matemático fué
La demostración que hiciste,
Voz quitaste y voz distes,
Pués no os acierto a alabar;
Los mudos pueden hablar
Cuando yo lo vengo a ser;
Que no siento enmudecer,
Pués vos me habéis de enseñar.”*



Assistência Pedagógica aos Deficientes da Audição

Avenida Rio Branco, 138 — 13.º andar — Telefone 22-6662

DISTRITO FEDERAL

Testes auditivos, de nível de inteligência, de maturidade e de escolaridade — Seleção e homogeneização de classes — Ensino da linguagem falada e da leitura labial — Ensino auditivo-visual — Conservação da fala nos ensurdecidos — Assistência especial aos que cursam escolas de ouvintes — Assistência especial para fins de aperfeiçoamento e aplicação — Orientação aos pais — Ensino da leitura labial para adultos — Treinamento auditivo para adaptação ao uso de aparelho de prótese auditiva.

TURNOS PELA MANHÃ E A TARDE

**CURSO FUNDAMENTAL — CURSO DE ADMISSÃO
CURSO DE APERFEIÇOAMENTO**

Professôres : J. MÁRIO BARRETO — M. LOURDES BARRETO



**COLEGA! A “REVISTA DE ENSINO AO SURDO” PRECISA
AUMENTAR O NÚMERO DE ASSINANTES.**

ESTA PÁGINA DESTINA-SE À PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS DE ALUNOS RECUPERADOS E EM RECUPERAÇÃO



Hélio Alberto Campos Vaz de Melo

O MEU CARNAVAL

Parti, dia 19, no avião da Real Aerovias do Brasil para Belo Horizonte, onde fui passar o Carnaval.

Encontrei um amigo do meu pai e o reconheci. Não o via desde quando tinha oito anos e êle, com muita gentileza, após chegarmos ao Aeroporto da Pampulha, ofereceu-me condução no seu carro.

Cheguei na casa da minha avó Otília, conversei muito com meus avós, Maria Dolores, tia Heloisa, José Geraldo e Geraldo.

Fiquei hospedado na casa de meus avós. Almocei com todos, após, fui à cidade e levei a máquina fotográfica. Tirei várias fotografias das fachadas do Edifício do Banco da Lavoura de Minas Gerais; Banco de Economia e das Finanças, etc.

Viajei, pela primeira vez, em ônibus elétrico, depois fui à casa da tia Donana, onde estavam os amigos Tasso, Célio, Eber e Anésia.

Eber tem 7 anos e também é surdo, mas já está aprendendo a falar. Conversamos muito e depois pedi à tia para telefonar para o meu amigo Gustavo Miguel.

Gustavo Miguel disse que eu fôsse à casa dêle, depois convidou-me para ir a uma festa na casa de um conhecido dêle. Fomos à festa e dançamos sem parar. Terminou a festa, voltei para casa da tia Donana e Gustavo Miguel, para a casa dêle.

No dia seguinte, fui à missa com Maria Dolores, na Igreja de N. S. de Lourdes. O padre foi muito severo, com o

carnavaí. Regressamos e tomamos café, após, tia Heloisa e Maria Dolores, me levaram para ver um primo recém-nascido.

Estive passeando e tirei umas fotografias do ônibus elétrico (de frente e de trás). Sentei na praça para descansar, pois tinha andado muito a pé.

Mais tarde, fui ao Colégio Loiola, visitar o Padre Luiz Guimarães Monerá. Após, fui à casa de tia Chiquinha, a empregada disse-me que ela não estava. Então, fui à casa do Sr. Cesarno, mas só encontrei o Jacinto Américo, no fundo da casa. Fomos à sala, êle me ofereceu uma poltrona e disse que todos estavam na fazenda. Conversamos muito.

Fui almoçar com tia Donana. Conversamos e esperamos uma visita importante. Então chegou o Dr. Farias com a senhora. Eles têm um filho surdo-mudo, de 4 anos de idade, o menino é bonitinho. O Dr. Farias ficou encantado por me ver falar bem.

Quando êles foram embora, ofereci o meu cartão de visita. Quando estava conversando com Tasso, Célio e tia Donana, chegou outra visita.

Era o pai do menino Maurício. Maurício tem 5 anos, é surdo e já fala um pouco, êle sabe dizer *gato* e *copo* e faz leitura labial de frente e de perfil.

Achei que era inteligente e era mesmo. Maurício estava impaciente com o pai dêle, pois queria ir para casa brincar.

Conversei demais com o pai do Maurício e êle disse que estava contente em me ver falar. Assim que o pai do Maurício saiu, fui à casa do avô do Fernando.

Tomei um táxi e paguei Cr\$ 25,00. Quando cheguei, encontrei os primos Fernando, Roberto, Carlos Aurélio e Eurípedes. O Fernando queria comprar lança-perfume e não tinha encontrado, então, fomos à cidade e eu levei-o na loja, onde tinha comprado o meu lança-perfume.

Fernando comprou 4 lança-perfumes de vidro, achei que era perigoso, pois podia estourar. Regressamos para casa, onde conversamos e tomamos lanche. Após saímos para brincar no Carnaval de rua. Tomamos um ônibus, saltamos na cidade e brincamos na calçada do Automóvel Clube.

Fiquei distraído e me perdi dos meus amigos, então fui para casa da minha avó Otília jantar.

Na segunda-feira, fui fotografar as residências modernas de Belo Horizonte, após, visitei o meu amigo surdo Cícero. A visita durou mais de 1 hora.

Voltei tarde e todos já tinham almoçado. Minha tia Antonieta perguntou : "Você já almoçou ?" Eu disse : "Não almocei e não quero", mas ela arrumou o almoço e fui comer.

De noite, fui à casa de D. Ester, conversei muito. Ela é irmã da Donana. D. Ester convidou-me para jantar e eu aceitei.

Na terça-feira, último dia de carnaval, fui ao cine Tupi, para brincar. Encontrei o meu amigo Gustavo Miguel.

Mais tarde, fui à casa do Cícero e lá conheci o professor e um amigo dêle, que também é surdo. Almocei com êles e conversamos sôbre os discos voadores.

Quando voltei para casa de Donana e disse que queria ir ao Automóvel Clube, ela telefonou ao José Guilherme para acompanhar-me. No Automóvel Clube encontrei vários amigos e brincamos muito.

Na quarta-feira, pela manhã, aprontei as malas, após, fui despedir-me dos amigos. Almocei com minha avó Otilia.

Depois, fui para o Aeroporto da Pampulha, onde tomei o avião para o Rio. Cheguei ao Rio, tomei condução no Aeroporto Santos Dumont para minha casa e lá encontrei minha mãe que havia chegado há 3 horas de Juiz de Fora.

Contei como tinha passado o carnaval com tanta alegria.

Hélio Alberto Campos Vaz de Mello

Renato Gonçalves de Andrade

Cirurgião-Dentista



Av. Rio Branco, 143-1.º

Telefone 52-5447

FALANDO ÍNTIMAMENTE



Jorge Sérgio L.
Guimarães

No decorer da minha existência, nestes 21 anos, houve alguns fatos importantes que ficaram gravados para sempre na minha memória.

Na idade de um ano e meio, fiquei surdo, em consequência da doença (diftéria) que tive. Dêsse tempo em diante, fui me tornando um menino terrivelmente rebelde; talvez fôsse porque não admitia a desgraça de não ouvir. Mais tarde, passei a reconhecer o sofrimento alheio, conformando-me com a minha situação. Agora pouco me importa o defeito.

Aos 6 anos fui matriculado no Externato Hilda Werneck, para fazer o curso primário e, ao mesmo tempo, a diretora D. Hilda, me orientava na articulação e na leitura labial. No princípio, não quis permanecer lá, mas, pouco a pouco, a minha antiga professora conquistou-me a simpatia interessando-se pelo meu progresso nos estudos, adaptando-me ao convívio de crianças ouvintes.

Acabada a 5.^a série, iniciei o curso do ginásio no Colégio Mallet Soares, de onde me retirei depois de concluir o 2.^o ano secundário, para prosseguir apenas nas aulas particulares com a mesma senhora que me guiou desde as primeiras letras. Nessa época, a minha mãe não estava de acôrdo com a interrupção dos meus estudos no curso ginásial. Agora estou interessado pelo artigo 91. Na ânsia de atingir os meus ideais, adotei êste lema: "Nunca é tarde para começar."

Formei-me em desenho arquitetônico. Não me canso de admirar as obras dos grandes gênios da arquitetura moderna como Le Corbusier, Oscar Niemeyer, Ludwig van de Rohe e os irmãos M. M. Roberto. O fato é que nos primeiros anos do curso secundário fui considerado o melhor aluno em matemática, a maior distinção que já recebi.

Um dos acontecimentos mais felizes foi a minha primeira comunhão, realizada em 13/11/1944, na Igreja de São Paulo Apóstolo. Jamais olvidarei esta cerimônia religiosa!



“Crepúsculo”, trabalho apresentado pelo renomado artista surdo João Escobar Filho, natural do Rio Grande do Sul.

Quanto ao gosto da leitura, sou leitor assíduo de "Seleções do Reader's Digest". Devo a ela muitas horas agradáveis, pois, ela não só distrai, mas, também amplia o conhecimento humano.

O momento mais emocionante da minha vida foi conhecer Helen Keller em pessoa, quando de sua visita aqui no Rio de Janeiro. A sua presença me deixou encantado; dificilmente a imagem daquela criatura radiante me sairá da cabeça.

Impressionado pela abnegação da cega e surda norte-americana, escrevi o artigo "Como Helen Keller me inspirou?", publicado na revista "Jornal das Moças", em 24/12/1953, para mostrar aos deficientes da audição que a surdez não é obstáculo e que um surdo pode viver no meio de pessoas normais e estar preparado para seguir uma carreira, que lhe permita ganhar a vida e fundar um lar, sustentando a família. Sinto-me feliz por encontrar a ocasião de lhes levar palavras de consôlo e de estímulo.

Antes do referido trabalho, já havia feito outro, intitulado "Maio — mês de Maria" e um poema "Maru", ambos no jornal católico "A Cruz". Por motivo do Dia das Mães (9/5/1954) saiu publicado o meu último artigo "Gratidão", uma homenagem à minha querida mãe que muito fez e faz por mim.

Muita gente acha que tenho jeito para ser escritor. Custa-me acreditar nisso. Francamente, confesso que escrever artigos sobre assuntos diferentes, histórias imaginárias, peças de diálogos, etc., sempre foi um dos meus passatempos preferidos. Não posso negar esta verdade.

Agora, estou recebendo aulas individuais do Prof. Geraldo Cavalcanti, organizador do "Curso Helen Keller", para aperfeiçoar a minha fala e a leitura labial.

Para nosso maior benefício, resta-me dizer-lhes, meus amigos, que a força de vontade e a perseverança fazem vencer na vida e que, simultaneamente, são a fonte da felicidade pessoal.

JORGE SÉRGIO L. GUIMARAES

PROBLEMAS DE SURDEZ EM SÃO PAULO

Extrato do Relatório apresentado em dezembro de 1953, pelo Dr. Armando Paiva de Lacerda, Orientador Técnico do 1º Núcleo Educacional para Crianças Surdas, a secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo.

A MÉDICO-PEDAGOGIA DE SURDOS

Como se sabe, a colaboração entre o médico e o professor especializado, em se tratando da educação de crianças deficientes constitui a prática médico-pedagógica universalmente adotada desde os trabalhos de Montessori e Decroly. O conhecimento da capacidade físico-fisiológica da criança, das suas possibilidades sensoriais e nervosas superiores em seus menores detalhes, ao lado da observação psicológica, torna-se de suma importância na aplicação da técnica pedagógica mais ajustada às condições fisiológicas peculiares à criança em observação.

Referindo-se à médico e à psicopedagogia das crianças portadoras de distúrbios somato-psíquicos, Gilbert Robin, em obra recente, faz ver que já se foi o tempo em que "a pedagogia fazia incursões isoladas em terreno desconhecido e que nos últimos anos a medicina tem a sua palavra a dizer no assunto, sob a denominação de médico-pedagogia ou de pedagogia clínica nos casos em que a terapêutica se confunde com a reeducação. Tramer nos fala, por sua vez, de uma "terapêutica psico-pedagógica".

Não se trata, de cura no sentido terapêutico, propriamente dito, mas no sentido pedagógico, ou psicopedagógico, a qual autores alemães já definiam como "cura pedagógica".

No campo da deficiência auditiva das crianças e da surdo-mudez, registra-se uma colaboração preciosa nesse sentido, desde os trabalhos originais de Urbanschtsch e Bezold até a contribuição mais moderna de Parrel, Golstein, Macfarlan, Hughson, O'Connor e muitos outros otologistas de renome, que se tem dedicado à educação da criança surda, ou à reeducação auditiva de hipoacúsicos. Aqui mesmo, em São Paulo, o conhecido especialista Dr. José Rezende Barbosa vem colaborando, desde alguns anos, com as educadoras do Instituto Santa Terezinha, disso resultando os melhores benefícios para o ensino das meninas surdas admitidas naquele educandário.

No Congresso de Otorrinolaringologia de 1951, realizado em São Paulo, o professor argentino Eduardo Casteran sustentou, com a sua reconhecida autoridade que os casos de educação de surdos-mudos e de reeducação de hipoacúsicos constituem problemas psico-médico-pedagógicos, tendo por base um déficit sensorial e devendo, portanto, tais processos pedagógicos, de acordo com os mais modernos conceitos de audiolingüística, permanecer sob a direção médica especializada.

Como se vê, o problema é, na essência, médico-pedagógico, contribuindo a medicina com os conhecimentos básicos sobre o com-

portamento fisio-patológico das crianças deficientes, a fim de se promover em melhores condições técnicas a sua educação, ou reeducação.

E assim sempre o compreendemos, colaborando, durante muitos anos, com professores do I. N. S. M. e, também, com especialistas estrangeiros que nos deram a honra de sua visita, privando conosco das atividades técnicas do Instituto.

Em São Paulo, continuamos a proceder do mesmo modo com relação aos trabalhos de instalação do Núcleo e às suas primeiras atividades escolares, nos entendimentos mantidos com o professor Jorge Mário Barreto, que participou dessas atividades inicialmente desenvolvidas. Tal colaboração se fez notar no campo da acústica e da fonética, desde a pesquisa da audição residual e dos fragmentos de linguagem articulada, em crianças submetidas às provas iniciais, até as atividades de aula, onde se podem colher exatamente as melhores observações e ensinamentos para aplicação e aperfeiçoamento

dos processos especiais de ensino aos surdos.

Sem descuidarmos da prática e das indicações do ensino da articulação e leitura labial, consoante a idade e as aptidões reveladas pelas crianças, dedicávamos, nessa troca de impressões, especial atenção ao ensino auditivo-visual destinado às crianças com audição residual suficientemente extensa e susceptível de aproveitamento pedagógico, processo no qual se conjugam os exercícios auditivos e a leitura labial. Interessavam-nos, os resultados do treinamento auditivo em tais alunos, e assim como em duros de ouvido admitidos, aliás, em diminuto número, na escola que acabava de entrar em funcionamento, colhendo observações, no Núcleo como já o fizéramos alhures, inclusive quanto à aferição audiométrica dos resultados do ensino auditivo-visual o que foi objeto de palestras em Associações científicas e de publicações em revistas técnicas, como modesta contribuição às aquisições já efetuadas nesse sentido, no campo da audiolgia.

A ÉTIO-PATOGENIA DA SURDO-MUDEZ

No que diz respeito ao exame de candidatas à matrícula do Núcleo, demos, prosseguimento aos trabalhos já encetados quanto ao reconhecimento, seleção e classificação das crianças, por meio do exame médico especializado, obtendo-se resultados que, se não podem ser considerados significativos pelo número de exames efetuados, constituem, todavia, preciosas observações para o estudo da étio-patogenia da surdo-mudez e de problemas científicos correlatos, bem como das

possibilidades de utilização pedagógica da audição residual em determinada percentagem das crianças submetidas aos testes auditivos.

Por outro lado, as crianças portadoras de distúrbios da linguagem que se apresentaram a exame no Núcleo, constituíram outras tantas observações, das quais se puderam extrair, interessantes conclusões a respeito da natureza e da frequência de tais transtornos da fala, entre a população infantil de São Paulo.

É preciso notar que a expansão das atividades médico-científicas do Núcleo já se começava a fazer sentir na articulação de providências com outros serviços especializados, visando a uma estreita colaboração, na apreciação de resultados recíprocos, colaboração tanto mais vantajosa quanto se conhece hodiernamente a relação existente entre mecanismos patológicos de casos de surdez perceptiva da infância, da eritroblastose fetal e das lesões do sistema nervoso central, observadas em casos congênitos, ou em crianças recém-nascidas.

É todo um campo que se abre à observação clínica e experimental. E nesse sentido, as primeiras observações obtidas no Núcleo poderão constituir ponto de partida para ulteriores empreendimentos científicos, no campo audiológico, neuropediátrico e imunológico, possibilitando medidas de defesa da integridade das funções sensoriais e cerebrais das crianças.

Os resultados dos exames médicos especializados, por nós procedidos no Núcleo, podem ser apreciados nos quadros estatísticos que se referem à etiologia da surdo-mudez, ao grau de surdez das crianças examinadas, aos danos de ouvido e às crianças portadoras de outras formas de deficiências e que também se apresentaram a exame no Núcleo.

Em tôrno dêsses resultados teceremos comentários, para melhor elucidação do assunto, a começar pela etiologia da surdo-mudez, no tocante às últimas aquisições médico-científicas nesse terreno, em relação aos 60 casos observados.

Nota-se, em primeiro lugar, na estatística etiológica da surdo-mudez uma elevada percentagem de

casos obscuros principalmente no que se refere à forma pré-natal.

A importância adquirida pelo fator Rh, ou melhor pela incompatibilidade Rh, materno-fetal, na explicação de casos de morbidade fetal e néo-fetal, a partir da eritroblastose, já é conhecida de algum tempo. Mas os efeitos da incompatibilidade Rh sobre a audição das crianças só recentemente vêm sendo observados por alguns pesquisadores.

Na surdez perceptiva da infância, como na surdo-mudez, a iso-imunização materna pelo fator Rh, se bem se encontre em fase de investigação científica, quanto à elucidação de casos obscuros, vem sendo admitida por alguns autores na etiopatogenia da enfermidade, em trabalhos de reconhecido valor científico, ultimamente publicados.

Tal fato nos levou a considerar o assunto para a adoção de algumas providências preliminares, como contribuição do Núcleo às investigações científicas, que se estão procedendo nesse sentido.

Daí, a inclusão de quesito referente à pesquisa do fator Rh no questionário anamnético do Núcleo, além do encaminhamento de casos pré-natais obscuros, que se apresentaram a exame ultimamente no Núcleo, a serviços competentes, como a Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo, para a determinação do fator Rh, como meio de elucidação diagnóstica e providências complementares. Nos dois primeiros casos encaminhados, os resultados dos exames evidenciaram não existir incompatibilidade Rh, entre mãe e filho, permanecendo, assim, obscuro o diagnóstico etiológico.

Outro fator etiológico merece ser mencionado, pela importância que lhe foi atribuída ultimamente, em publicações médicas estrangeiras sendo incluído em nossa estatística, como nova forma de surdo-mudez, é representado pelo traumatismo craniano de origem obstétrica, responsável por casos bem definidos de surdo-mudez, dentre os que foram por nós observados em São Paulo.

O trauma obstétrico passou assim a constituir a forma justa natal da surdo-mudez, incluída na atual estatística etiológica, embora já houvésemos nos referido à ne-

cessidade dessa inclusão entre as duas anteriores formas de surdez, pré e pós-natal, de acordo com a opinião de autores alemães, por ocasião do Congresso Latino Americano de Otorrinolaringologia, realizado em São Paulo, em 1951.

Em nossa atual estatística, aparece, ainda, como responsável por dois casos de surdo-mudez, a influência tóxica exercida pela estreptomomicina, o que vem confirmar a opinião de autores, como Kantzer, que admitiram esse novo fator (ototoxicidade pela estreptomomicina) entre os já considerados na etiopatogenia da surdo-mudez.

O GRÁU DE SURDEZ E PROBLEMAS DE ADMISSÃO

No quadro estatístico relativo ao grau de surdez e sua distribuição, vemos que o número de casos de crianças surdas, dispondo de audição residual susceptível de aproveitamento pedagógico, representa, 31% do total, confirmando assim, outros resultados de estatísticas nacionais ou estrangeiras, que fornecem aproximadamente 30% de crianças nessas condições. Tais verificações da capacidade residual, por meio das provas audiológicas, são de grande interesse na pedagogia moderna de surdos, dada a possibilidade de utilização pedagógica de tais resíduos, para as indicações do ensino auditivo-visual, quando mais extensos ou como recurso auxiliar do ensino de articulação quando mais reduzidos, servindo, neste caso, para melhorar a inflexão e a modulação da voz bem como o ritmo da fala.

O problema dos duros de ouvido, ou seja das crianças parcialmente surdas, como foi por nós abordado em outra oportunidade, é um pro-

blema que existe em São Paulo, no Rio, como no estrangeiro, tendo surgido no Núcleo, nos 8 casos ali observados.

As crianças duras de ouvido, ou parcialmente ouvintes, são aquelas que, por serem portadoras de uma deficiência auditiva, adquirem a fala imperfeitamente, no meio social, mas por intermédio do próprio ouvido. Constituem casos diferentes, do ponto de vista fisiológico, pedagógico e psicológico, com mentalidade e linguagem que se aproximam das pessoas ouvintes normais e requerendo processos de ensino adequado, essencialmente auditivo. Tais crianças, a rigor, não devem ser recebidas em escolas destinadas às crianças surdas, o que não impede que sejam encaminhadas às mesmas, não só entre nós como no estrangeiro, inclusive nos Estados Unidos, onde geralmente não ultrapassam a 5% da lotação, segundo estimativas nesse sentido.

O problema dos duros de ouvido

o Núcleo tornou-se ainda mais difícil de resolver. Tratando-se da única escola oficial, em São Paulo, funcionando em caráter experimental, há apenas alguns meses, não foi possível recusar a matrícula a todas essas crianças, passando algumas delas a freqüentar a escola, aliás em pequeno número, dada a insistência dos pais, em vista dos fracos resultados por elas obtidos em escolas públicas, ou da recusa em recebê-las nessas escolas. Este é outro problema educacional a se resolver em nosso país, onde não existem escolas, ou classes especiais destinadas ao ensino de duros de ouvido e onde nem mesmo se sabe qual o número dessas crianças, a fim de que possam ser tomadas providências para sua educação.

As crianças portadoras de outras formas de deficiência não compatíveis com as finalidades do Núcleo, que se apresentaram a exame, por serem consideradas pelos pais ou responsáveis, como casos de surdo-mudez, podem ser classificadas em dois grupos: os portadores de distúrbios da linguagem e os casos de oligofrenia ou debilidade mental.

Entre os primeiros se encontram, desde os casos mais simples de retardo de desenvolvimento da fala,

ligados muitas vezes a fatores dependentes do meio familiar, ou a simples desordens funcionais, até as formas mais graves de afasia, ou mudez congênita, de audi-mudez, em que a audição da criança permanece íntegra ou quase íntegra, mas, revelando profundo distúrbio da própria função da fala. Três desses casos de distúrbios da linguagem foram encaminhados ao Núcleo pelo Serviço Social de Menores, para observação audiológica.

O campo da mudez sem surdez, conforme definição de outros autores, ainda está por ser investigado convenientemente, não sendo pequenas as dificuldades para se estabelecer o diagnóstico preciso, em tais casos, o que exige observação mais demorada e estreita colaboração entre especialistas do ramo audiológico e neuro-pediátrico.

A freqüência em São Paulo de crianças portadoras de tais distúrbios de linguagem, como se depreende, do número relativamente elevado de casos dessa natureza, constante de nossa estatística, levou-nos a incluir um quesito sobre o assunto no questionário anamnético de Núcleo, a título de colaboração científica com outros serviços especializados, que assistem à criança deficiente, em São Paulo.



COLEGA! TOME A SUA ASSINATURA E CONSIGA DOIS ASSINANTES MAIS!

Os Surdos e o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional



Aspecto da recepção de S. Em. o Cardeal Legado ao XXXVI C.E.I., no Palácio das Laranjeiras, concedida aos surdos do Clube Alvorada, recepção essa de iniciativa do Padre surdo Vicente Penido Burnier. Sôbre êste fato e o do DIA DO SURDO, instituído e comemorado recentemente, daremos amplo noticiário no próximo número.

**NÃO FAÇA SINAIS, FALE
POUCO, MAS FALE.**

"RESPONDENDO AO LEITOR"

A REVISTA DE ENSINO AO SURDO, manterá a secção "RESPONDENDO AO LEITOR".

Visando examinar o assunto, sob o aspecto psico-médico-pedagógico, confiamos "RESPONDENDO AO LEITOR", ao audiologista Dr. Armando Lacerda e ao professor Jorge Mário Barreto.

Escreve-nos o Snr. W. A. — E. Espirito Santo — informando ter uma criança surda, atualmente com 3 anos e já havê-la levado a um médico especialista, o qual considerou-a "totalmente" surda. Solicita a nossa opinião sôbre o fato acima e mais :

- como iniciar o ensino da menor, uma vez que no local da residência não existe escola ou professor especializado;
- se a estreptomycina usada, quando a menor contava 4 meses de idade, não teria sido a causa da surdez.

Pensamos que a idade baixa da menor e uma observação menos prolongada, dificultam um pronunciamento seguro, quanto a existência de restos de audição, uma vez que, nos nossos meios, ainda não é possível recorrer-se ao teste psico-galvânico, destinado a crianças dessa idade e, conseqüentemente, julgar da possibilidade do aproveitamento pedagógico desses resíduos. Assim, aconselhamos, exames audiológicos periódicos e a estimulação auditiva, através de instrumentos produtores de ruídos e de sons musicais, bem como os da fala, recorrendo-se as vogais e pequenas palavras.

Mediante adaptação de fone e microfone a uma eletrola, será obtida a necessária amplificação para o treinamento acima referido, ou então, adquirindo-se um aparelho de prótese auditiva, destinado exclusivamente a êsse fim, em face de não ser conhecida a sua precisa indicação.

Ao se proceder ao treinamento auditivo, principalmente, quando da utilização dos sons da fala, deverá ser exposta a forma labial.

Após êsse treinamento metódico, bem dosado e, quando a menor tiver atingido idade mais própria, deverá ser encaminhada a uma escola especializada, um internato no caso em tela, ou ser confiada a um professor especializado, pois que as dificuldades de ordem pedagógica vão se avolumando e se tornando difíceis de serem vencidas por quem não domine sua técnica.

Remetemos, pelo Correio, instruções sôbre a iniciação da leitura labial e sôbre exercícios de lábios e língua.

Encarecemos ao Snr. W. A., a conveniência de ser evitada a comunicação através de gestos.

Quanto ao uso da estreptomycina, sabemos que êsse produto tem causado surdez, achamos por isso, viável a sugestão, dependendo naturalmente da dosagem ministrada a menor em causa e de maiores esclarecimentos.

★ DIVERSOS ★

INTERCÂMBIO

Recebemos:

Revue Générale de l'Enseignement des Sourds Muets — ns. 1, e 2 de 1955 — França — destacando-se no primeiro a experiência fonética e sistema utilizado numa classe do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris e no segundo número "O psicólogo num estabelecimento de educação para crianças surdas".

The Maryland Bulletin — ns. 4 e 5 de 1955 — U. S. A., destacando-se o artigo "A utilidade do alfabeto manual", do vice-presidente do Gallaudet College, Washington.

The Silent World — ns. de maio e junho de 1955 — de Londres — com conselhos para as escolas livres.

L'Ami des Sourds-Muets — Canadá (janeiro, fevereiro, março e abril) com um interessante artigo sobre a "provocação da voz".

The Deaf Childrens Society — Londres — relatório das atividades.

Notre Journal — ns. 1, 2, 3 e 4 de 1955 — Bélgica — noticiando a inauguração do Centro de Surdos-Mudos, obra organizada e dirigida pelos surdos belgas. Nossas congratulações.

Gaceta del Sordo Mudo — n. 32 — Espanha — órgão dos surdos espanhóis com várias notícias sobre as atividades dos mesmos e remessa de fraternais saudações aos surdos brasileiros. Os surdos brasileiros agradecem e retribuem.



NOTÍCIAS

Realizou-se, na Alemanha, os "Jogos Silenciosos de Inverno", com a participação de mais de 200 atletas surdos.

Foi fundada na Espanha (Valên-

cia) o Patronato de Benefício e Ajuda aos Surdos-Mudos, cujo capital inicial foi doado pelo Revdo. D. Fernando Ferrando.



Conforme notícia publicada na "Revue Générale de l'Enseignement des Sourds-Muets", no "Notre Journal" (Bélgica) e na "Gaceta del Sordo Mudo" (Espanha), será realizado o 2.º Congresso Mundial de Surdos Mudos, em Zagreb, na Jugoslávia, de 23 a 27 de agosto de 1955. As comissões desse congresso foram distribuídas entre a Itália, França, Alemanha, Jugoslávia, Dinamarca e Suécia.

Nesse Congresso serão debatidos inúmeros assuntos donde se verifica o interesse crescente pelo bem estar dos surdos do mundo inteiro.

Haverá, também, uma Exposição Internacional de Artes Plásticas, Literatura e Fotografia de Surdos, onde 42 artistas surdos irão expor; sendo que, até agora, a Itália foi o país que apresentou maior número de artistas (18).

Devido ao conhecimento tardio desse Congresso e conseqüente expiração do prazo para a remessa de trabalhos, não poderá o Brasil, provavelmente, participar do mesmo.

Desejamos, porém, um amplo sucesso e bom êxito na resolução dos assuntos a serem debatidos no II Congresso Internacional de Surdos.



Serão realizadas, na Suíça, as "Jornadas Suíças de Surdos Falantes e Reunião Internacional" durante os dias 12, 13, 14 e 15 de agosto de 1955, coincidindo com a passagem, por esse país, das delegações estrangeiras que irão participar do II Congresso Internacional de Surdos.

DA ANÁLISE DOS SONS VOCAIS

Pelo Dr. WILLI REACH

A divisão e caracterização dos sons vocais dependem grandemente do idioma em que são emitidos esses sons. São poucas, por isso, as considerações gerais que se podem tecer, sem considerar uma determinada língua ou dialeto. Tais explanações dependem bastante da impressão acústica que os sons vocais, depois de sua fonação, causam ao ouvido que os recebe, ou então, da espécie e do lugar de sua origem. O primeiro modo de caracterização dos sons vocais é o mais primitivo e também o mais antigo; o segundo se desenvolveu cada vez mais pelo constante aperfeiçoamento dos métodos experimentais e constitui a base da fonética moderna.

A divisão mais conhecida dos sons vocais, embora não inteiramente exata, é a que os agrupa em vogais e consoantes. Esta divisão já foi empregada por Aristóteles (História Animal, IV, cap. 9), que afirmava serem as vogais produzidas na garganta com a voz, ao passo que as consoantes o eram com a língua e os lábios. Assim, quanto às vogais, Aristóteles se deixava guiar principalmente pela impressão acústica, enquanto no que se refere às consoantes levava em consideração, sobretudo, o seu modo de formação.

Requer também definição mais apurada, a freqüente divisão dos fonemas em sons próprios ou "vozes" e em "consonâncias", de vez que a voz formada na larin-

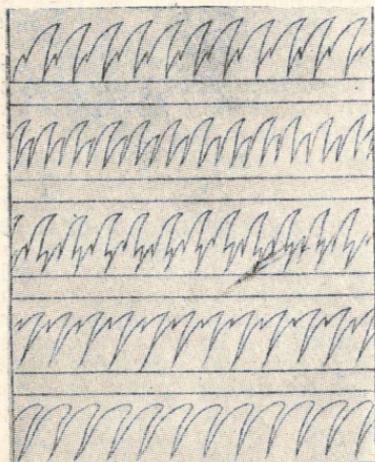
ge não participa na produção dos sons próprios (v. artigo I), enquanto nos sons consoantes, tanto a voz, como também as condições acústicas do "tubo" (cavidades faríngea, bucal e nasal) desempenham importante papel. Esta diferença foi estabelecida primeiramente pelo fisiologista austriaco Johann Nepomuk Czermak (1828-1873) em uma conferência pronunciada, em Jena, no ano de 1869.

Assim, segundo o referido autor e contrariamente à nomenclatura usual, só se deveria designar como "verdadeiros sons próprios" aqueles que são produzidos pela corrente de ar expirado, quando concorrem ou entram em jôgo determinadas condições mecânicas na laringe e no "tubo", sem que entrem em vibração as cordas vocais. O exemplo mais simples de um "som próprio" é o H, para cuja emissão as referidas condições mecânicas consistem num estreitamento da glote e numa elevação e tensão do véu do paladar, enquanto aumenta simultaneamente a pressão do ar expirado. Outros "verdadeiros sons próprios" são, por exemplo, os sons duos oclusivos P, T e K.

A verdadeira natureza das vogais, antigamente e ainda hoje algumas vezes designadas erroneamente como "sons próprios", foi esclarecida pelo médico e físico alemão Hermann von Helmholtz (1821-1894). Graças a engenhosas experiências, Helmholtz provou que cada uma das

vogais está subordinada a determinados sons "próprios" musicais perfeitamente definíveis, constantes para cada vogal, e cuja altura depende da forma que toma a cavidade bucal ao emití-la. Para a análise de cada vogal, Helmholtz se valeu de ressoadores simples, de sua invenção.

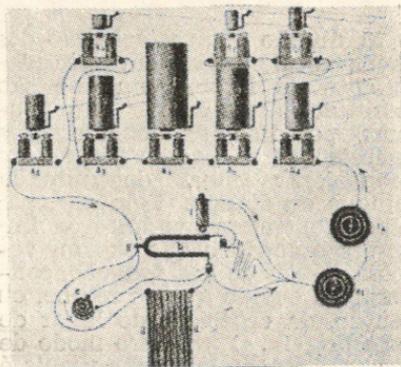
Karl Rudolph Koenig (1832-1901) pôs em prática outros métodos para a análise dos sons vocálicos, valendo-se da chama manométrica, e o fisiologista holandês Frans Cornelis Donders uti-



As imagens de chama de vogais U, O, A, E, I, cantadas em dó suspenso, obtidas pelo método de Karl Rudolph Koenig. Segundo o livro de Paul Grützner, "Physiologie der Stimme und Sprache", Leipzig, 1879.

lizou-se, para o mesmo fim, do fonautógrafo. O método de Koenig se baseava na circunstância de a fina membrana, que fechava o fundo da cápsula, entrar em vibração quando se cantava

diante dela. Essas vibrações obrigavam a chama de gás, colocada no outro extremo da cápsula, a sofrer oscilações que po-



Representação esquemática dos três territórios de articulação (I, II, III). De cima para baixo: Sons nasais, explosivos, de atrito e vibrantes. Da obra de J. N. Czermak, "Gesammelte Schriften" tomo II, Leipzig, 1879

diam ser representadas graficamente, fornecendo imagens que eram características para cada vogal. É verdade que a forma dessas figuras de chama (v. fig. ao lado) dependia, em grande parte, não só da espécie de vogal cantada, como também da maneira de cantar do indivíduo sujeito à experiência. Em geral, as vogais U e O, que são menos ricas em sons concomitantes e mais baixas, davam figuras mais simples que as vogais A, E e I.

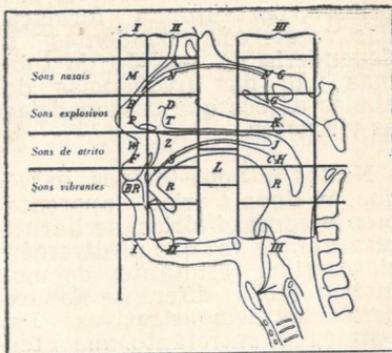
Parece que Donders serviu-se inicialmente do "membranphonograph", construído, em 1857, por E. L. Scott. Cerca de vinte anos mais tarde, o fisiologista Victor Hensen (1835-1924) desen-

volveu, para registrar as curvas produzidas pelas diversas vogais cantadas em tons de determinada altura, um fonautógrafo.

Proporcionaram, igualmente, valiosos dados para a análise das vogais, as observações feitas com as formas mais primitivas do fonógrafo e do telefone. Como se sabe, o funcionamento da transmissão telefônica de sons é baseado na produção de correntes de indução, de diversas intensidades, dependentes das vibrações da membrana diante da qual se fala. As mais intensas correntes de indução eram produzidas pelas vogais U, O e A, e as mais fracas pelo I. Depois disso, Emil Heinrich DuBois-Reymond uniu o telefone registrador, não a um aparelho receptor, mas a um nervo ciático da coxa de uma rã. Feito isto, quando se pronunciava ao telefone a vogal U, a coxa da rã experimentava violentas contrações, permanecendo, porém, imóvel quando a vogal pronunciada era o I. DuBois-Reymond acentuou ainda mais o efeito desta experiência: Pronunciava uma vez a palavra "Zucke!" (Contra-te!) e outra "Liege still!" (Permaneça quieta!), palavras às quais a coxa da rã obedecia como se as ordens dadas fôsem mágicas.

A natureza das vogais só ficou completamente esclarecida depois que Helmholtz conseguiu reconstituir-lhes o som mediante a síntese de sons puros. Por meio de um sistema de diapasões, afinados com o tom básico e seus harmônicos, diapasões que êle fazia vibrar ao mesmo tempo, regulada convenientemente, por meio de ressoadores, a intensidade do tom básico dos diferen-

tes tons parciais, conseguiu reproduzir com bastante fidelidade as vogais U, O e A. A reprodução do E, I e das vogais modifi-



Representação esquemática do aparelho utilizado por Hermann von Helmholtz para obter sinteticamente os sons das vogais. Segundo o livro de Paul Grützner, "Physiologie der Stimme und Sprache", Leipzig, 1879.

çadas Ae, Oe e Ue mostrou-se muito difícil e, em parte, era quase impossível, pois o aparelho de Helmholtz não permitia destacar suficientemente os tons parciais mais distantes, característicos dessas vogais. Helmholtz realizou também a síntese dos sons das vogais por meio de cordas, fazendo com que cada vogal fosse pronunciada diante de um piano desprovido de abafador. Por êsse meio, graças à ressonância, fazia entrar em vibração as cordas dos tons que compunham o som vocálico cantado.

À teoria dos tons parciais de Helmholtz se opôs Ludimar Hermann (1838-1914) com a teoria do "sôpro". Segundo tal teoria, a formação das vogais só depen-

deria das vibrações próprias do tubo, isto é, as vibrações das cordas vocais transmitir-se-iam, intermitentemente, pela coluna de ar, às paredes do referido tubo. A natureza dessas vibrações próprias e, portanto, a formação das vogais correspondentes, só dependeria da posição do tubo, mas não das frequências dos abalos aéreos que desencadeiam as vibrações.

Nestes últimos tempos, parece que as duas teorias, aparentemente contraditórias, se harmonizaram, de vez que as divergências seriam resultantes de uma interpretação diferente das experiências demonstrativas. Patentou-se, entretanto, que a teoria de Helmholtz é, em princípio, a mais adequada, sobretudo tendo em vista a sua simplicidade e clareza.

A teoria dos tons parciais foi ulteriormente sustentada e aplicada às consoantes pelo filósofo e psicólogo Carl Stumpf (1848-1936), na sua "teoria das formantes", enunciada em 1926 (v.

Actas Ciba n.º 5 de 1947, pág. 133). O termo "formantes" foi introduzido na fonética por Hermann, o qual sob este nome compreendia um tom parcial, que é sempre característico para uma determinada vogal ou consoante e que se pode verificar em qualquer manifestação do som correspondente. Depois que Stumpf verificou que as "formantes" podem também experimentar desvios, e embora insignificantes, quando muda a altura do som, chegou-se à conclusão de que não era conveniente falar de formantes cuja posição e extensão são características, dentro do espectro acústico total, para cada som.

Na formação das consoantes deve-se considerar dois pontos de vista essenciais, que podem servir também como bases de classificação, a saber: 1.º o lugar, 2.º o modo de formação do som. Esses dois pontos de vista são de grande importância para a fonética experimental e para o critério e tratamento dos transtornos da palavra.

(ACTAS CIBA)



QUE DISTINGUE O SURDO DO DURO DE OUVIDO ?

O SURDO NÃO FALA PORQUE NÃO OUVE, O DURO DE OUVIDO FALA MAL PORQUE OUVE MAL.

INSTRUÇÕES AOS PAIS

DA "CLINIC JOHN TRACY"

Reencetamos no presente número, a publicação das "Instruções aos Pais da C.J.T.", graças a colaboração das profs. Luíza Ribeiro e Ivete Vasconcelos, que devidamente autorizadas, traduziram o referido trabalho com o concurso de alguns colaboradores e o colocou à disposição da Revista de Ensino ao Surdo.

As professoras Luíza Ribeiro e Ivete Vasconcelos, os nossos agradecimentos.

CURSO DE CORRESPONDÊNCIA PARA OS PAIS DAS CRIANÇAS SURDAS

Introdução e sugestões

Há coisas que você pode comprar, material interessante e pouco dispendioso e há outras coisas que você pode fazer. Estamos mandando estas sugestões com antecedência para que você tenha mais tempo para se preparar para as aulas. Esperamos que este Curso venha abrir uma porta para uma nova vida para você e seu filho.

Esperamos que ele lhe forneça um "Abre-te Sésamo" para um tesouro de conhecimentos que lhe enriquecerá o espírito e a mentalidade.

Nós podemos abrir apenas a porta e mostrar-lhe o caminho. Pôr uma criança surda em contacto com o mundo não é mágica e o aproveitamento que você obtiver das lições dependerá em grande parte da sua própria disposição.

Você não as achará difíceis na parte de aprendizagem, mas elas exigirão paciência, compreensão, tempo e dedicação. Desejamos que você nos escreva sobre qualquer dificuldade e soli-

cite nossa ajuda. Esperamos que nos peça sugestões sobre os seus problemas particulares. E não se esqueça, estamos aqui para apoiá-la e ao seu menino ou menina. Você não representa aqui apenas um nome numa lista, é uma mãe ou um pai que conhece todo o amor, esperança e trabalho, tôdas as decepções, sonhos e fracassos, sacrifícios e alegrias que são inseparáveis da condição de pais. Você é também um indivíduo com seus gostos e aversões. Você, por exemplo, gosta de cozinhar mas detesta lavar pratos; esfregar o banheiro é divertido mas fazer as camas cacete; você é capaz de encontrar atrativos em quase tôdas as situações; não gosta de levantar cedo, não deseja lembrar meias. Em suma, você é você. É este seu "eu" especial que nós queremos atingir. É a sua criança em particular que queremos ajudar.

O grau de sucesso que nós e você conseguirmos na individualização deste curso depende principalmente de você.

Caros pais :

Esta é uma mensagem especial para vocês. Na verdade, todo este curso lhes é destinado; você é tão necessário no quadro das circunstâncias quanto a mãe; mas, diz-se tanta coisa a respeito das mães que nós queremos nos certificar que o pai está compreendendo que nós também nos dirigimos a ele por intermédio da mãe. Não é preciso que você dê aulas organizadas, sentado a uma mesa com um carro, um sapato e um avião para ensinar o sentido dessas palavras. Ou você talvez seja um professor de primeira ordem, capaz de obter melhores resultados do que a mãe. De qualquer maneira você estará ensinando o seu filho em cada minuto em que você conviver com ele. Todos que vivem com ele automaticamente se tornam professores. E assim, convém que você tenha a mesma compreensão dos objetos e métodos que a mãe tem e guarde-os fixos em mente. Isto vale também para o vovô, vovó, titio, titia, irmã e irmão ou qualquer pessoa de sua casa. Devo acrescentar também qualquer estranho com quem a criança surda tenha contacto e seja capaz de lhe ensinar alguma coisa; todas essas pessoas devem compreender o que a mãe, que provavelmente fará a maior parte do ensino, está tentando conseguir. Eu não quero dizer com isso que a mãe tem sempre razão mas que todos devem seguir uma mesma orientação. Este é um ofício tanto do pai quanto da mãe e os problemas serão discutidos como entre sócios num mesmo negócio. Você sabe exatamente qual seria o resultado do seu trabalho num negócio, escritório, fábrica, oficina ou loja em que você tivesse 2

patrões, um diria para fazer alguma coisa desta maneira e o outro diria que não, era necessário ou insistiria para que fosse feito de outra maneira. E como é que você se sentiria se eles discutisseu a seu respeito na sua frente deixando-o atônito quanto ao que devia fazer e com a convicção desagradável de que de qualquer maneira estaria errado. Nenhum negócio poderia vencer nessas condições nem você tão pouco. Pois, muitos pais têm esses desacórdos sobre a orientação e conduta a seguir, principalmente quando se trata de criança surda. Por exemplo, a mãe se esforça dia após dia ensinando a criança surda a compreender "carro, sapato, avião" através da leitura labial. Ela pode mesmo conseguir que a criança compreenda frases como "lave o seu rosto," "você quer passear", "mostre-me sua boca, seu nariz olhos, etc..." E então você chega em casa e em vez de continuar com o mesmo processo de falar, aponta as coisas em vez de nomeá-las ou faz gestos para indicar ações. Que progresso poderá fazer a criança! Se, depois que a criança já sabe ela própria dizer algumas palavras e você permite que ela aponte ou gesticule em vez de falar, você está destruindo tão depressa quanto a mãe está construindo e não é preciso ser matemático para adverti-lo de que em nenhum outro setor você trabalha tão depressa. Qualquer negócio bem sucedido supõe trabalho de equipe; qualquer família bem sucedida repousa no trabalho de colaboração; esse ofício de educar uma criança surda ou qualquer criança, requer trabalho de colaboração de cada membro da família. E todos podem ajudar. Por mais

perfeita que seja a mãe, mais paciente e compreensiva faz parte da natureza humana apreciar uma mudança e talvez você seja capaz de vencer uma dificuldade que a mãe não consegue. Aqui está sua oportunidade. Converse com seu filho surdo, brinque com ele, diga-lhe o nome das coisas e faça isso como num jogo.

“Vem com papai” (ou pai, ou papa ou qualquer nome que você use). Mas, lembre-se de não dizer “papai” se você usa mamãe para a mãe porque na leitura labial essas duas palavras são quase iguais; assim você terá que usar palavras que não se confundem como “papai e mãe ou pai e mamãe”. Vem com papai. Gosta de papai. Levante o seu filho no ar e diga: “para cima”. “Para baixo”. Se você o levar a passear, diga: “Vamos passear no carro, no bonde, na rua? Vai buscar o casaco. Vamos passear. Qualquer que seja a coisa que você esteja fazendo fale, fale,

fale. Este é o melhor conselho básico que possa dar à família de uma criança surda. Não se preocupe em pensar se ela vai ou não compreender porque é surda, continue falando. Você fala bastante com um bebê que ouve e diz muitas coisas que ele provavelmente não compreende. Faça o mesmo com o seu bebê surdo. Não seja muito exigente ou insistente nessas conversas. Não o faça olhar para você quando ele quer olhar para alguma outra coisa; mas sempre que ele olhar para você espontaneamente tenha alguma coisa na ponta da língua para dizer-lhe.

Leia estas lições, pense nelas e ponha em prática as sugestões que elas dão. Não perca a oportunidade de tomar parte nesta grande aventura porque ela é verdadeiramente uma aventura. E lembre-se que ficaríamos muito contentes de receber de vez em quando uma carta sua também.

UMA CRIANÇA SURDA TEM GRANDES POSSIBILIDADES

Há em Alabama uma jovem com diploma de curso superior que tem uma posição importante como técnica de laboratório num grande hospital, um posto raramente oferecido a pessoas com deficiências.

Ela foi totalmente surda durante toda a sua vida, entretanto ela conversa perfeitamente com seus companheiros de trabalho e compreende o que eles dizem; ela faz muito bem o seu trabalho, é feliz, bem sucedida e bem ajustada. Ela deve isso em

parte à sua grande capacidade, de certo; mas, também aos incansáveis esforços do seu pai. Desde o momento em que ele soube que ela era surda, quando ela tinha dois anos de idade, ele começou a ler e estudar, planejar e trabalhar para compensar a deficiência dela e pô-la em contacto com o mundo. Percebeu que a falta de linguagem era a primeira barricada a ser escalada e dispôs-se ele próprio a vencê-la. Como ele mesmo escreveu: “eu pulei, saltei e dansei o suficiente para dar a volta

ao mundo quando estava lhe ensinando essas palavras". Sem este auxílio precoce ela nunca teria podido atingir o lugar da vida para o qual sua capacidade natural a indicava. Cada coisa, que a criança surda aprende nos seus primeiros anos de vida, cada palavra que ela aprende a ler nos lábios ou pronunciar, cada ação que ela aprende a executar a uma ordem que lhe é ensinada conscientemente por alguém, seja um dos seus pais, um professor ou qualquer outro membro da família. Havendo bom impulso inicial, boa compreensão e auxílio constante em casa o surdo poderá ir longe. Assim sendo vise bem alto. Mas, lembre-se sempre de que o caminho que leva a esse fim é lento, passo à passo e que você precisa fazer só uma coisa de cada vez. Você não deve ensinar tudo de uma vez. Dê tempo a si mesma e dê tempo a seu filho. Pense de maneira otimista e construtiva sobre o que você está fazendo e alegre-se com cada pequeno progresso. Pense no que o seu filho já aprendeu e não nas coisas que ainda tem que aprender. Se houver fracassos ou desânimos, o

que certamente acontecerá, continue visando a meta final e saiba que você a atingirá. O seu fim é fazer a criança feliz, confiante, útil e bem ajustada à sociedade. Isso pode ser feito. Há uma tendência geral para deixar de falar com a criança depois que se descobriu que ela é surda. Não permita que isso aconteça. Todos da família devem continuar falando exatamente como se ela pudesse ouvir. Não espere que responda ou indique que está compreendendo, nem conte que ela vá repetir suas palavras.

Apenas fale. Depois de algum tempo você vai ver que ela compreende muito do que você lhe diz e gradualmente começará a responder. Deixe que isso aconteça espontaneamente, naturalmente como acontece com um bebê que ouve. Você não espera que uma criança pequena normal responda a tudo que você lhe diz, no entanto continua falando com ela só pelo prazer. Por algum tempo você terá que se contentar em falar muito com a sua criança surda sem se preocupar se ela está compreendendo ou não.

ELA DEVE VER O OBJETO DE QUE SE FALA

Há algumas poucas coisas a lembrar. A luz deve bater no seu rosto e não nos olhos da criança, e ela deve estar olhando para você. Este é um dos pontos mais importantes para o progresso, conseguir que a criança olhe para você enquanto você fala com ela. A maneira de conseguir isso é aproveitar a oportunidade de dizer alguma coisa

quando ela está olhando para você. Sempre que os olhos dela se virarem para você para uma informação, aprovação ou desaprovação, conforme o caso, diga alguma coisa. Não importa o que você disser, apenas diga algumas palavras em relação com a coisa pela qual ela está interessada no momento. Se você observar e aproveitar qualquer

oportunidade que ela lhe forneça, ela formará depressa o hábito e você não terá que fazer um esforço especial para conseguir que ela fixe o rosto de uma pessoa que fala. A primeira leitura labial está sempre associada a alguma coisa que a criança possa ver, objeto, ação ou pessoa ou uma certa situação. Uma vez um pai escreveu-nos: "Como conseguirei que o meu filho compreenda o que eu quero dizer quando falo com êle. Digo-lhe: para me trazer uma colher. Digo-lhe: colher, colher, colher, muitas vezes; êle sabe que eu quero que êle me traga alguma coisa mas pode correr para buscar tanto um brinquedo como uma colher. Êste pai ainda não tinha compreendido que para uma criança que não ouve entender que certos movimentos dos lábios correspondem à palavra colher é preciso que lhe mostrem muitas vezes uma colher ao mesmo tempo que pronunciam a palavra colher. Depois de

bastante repetição sempre com a colher à vista, ela será capaz de correr para buscar uma colher quando se lhe pedir. O mesmo acontece com bola, sapato ou carro ou qualquer das primeiras palavras que uma criança aprenda a ler nos lábios. É triste mas é verdade que a primeira palavra que a maior parte das crianças surdas aprende a falar é "não". Isto acontece porque tantas pessoas lhe disseram "não, não" tantas vezes. Repetição, repetição, repetição eis o segredo do ensino da linguagem aos surdos; e você terá que aprender a tornar essa repetição interessante e atraente para a criança. Você vai ver que também há uma série de repetições neste curso — que nós repetimos a mesma coisa sempre e sempre. Nós repetimos certas idéias porque queremos que a sua mente se sature delas. Assim tenha paciência e deixe as idéias penetrarem.

MATERIAIS PARA AULAS DE LINGUAGEM

Linguagem, linguagem, linguagem, aqui está outra palavra que você encontrará repetida muitas vezes. Linguagem significa comunicação e estabelecer comunicação com seu filho é uma outra coisa importante que você pode fazer. E lembre-se, durante algum tempo, só haverá comunicação numa única direção. Você terá que falar muito, ilustrar a sua linguagem, representar a linguagem dramaticamente antes que a criança comece a mostrar que compreende ou retribua com um sinal de compre-

ensão. Mas um dia ela começará a responder e uma comunicação em dois sentidos se estabelecerá. Como a criança precisa ver o objeto ou uma figura dêle quando você pronunciar a palavra, você terá que fazer uma provisão de objetos e figuras. Especialmente figuras. A sua coleção de figuras tomará enormes proporções através dos anos e será melhor começar já. Peça a todos da família que colecionem figuras. Corte-as dos anúncios coloridos das revistas, compre livros infantís atraentes e baratos e corte fi-

guras dêles, catálogos de sementes, de roupas, de louças, suplementos de Natal dos jornais. Não procure figuras engraçadas, fantásticas ou espirituosas, animais vestidos, caricaturas de pessoas, não são essas que você precisa. O que lhe convém são figuras simples, reais e tão vivas quanto possível com desenho nítido e com as cores reais. De preferência grandes e nítidas e de contornos definidos de modo que você possa cortá-las do fundo. Corte-as e cole-as em pedaços de cartolina dura de mais ou menos 10 cm. x 15 cm. As figuras a princípio devem ser de objetos isolados de modo que a criança saiba exatamente de que se fala quando você diz o nome do objeto. Elas devem também representar objetos comuns na vida de uma criança pequena: laranja, maçã, copo de leite, copo de laranjada, sapato, escovas de cabelo e de dentes, chapéu, casaco, sorvete, bolo de aniversário com velas, carro, avião, cachorro, gato, bebê, etc. Devem estar organizadas em duplicata para que a criança possa associá-las e arrumá-las aos pares. As primeiras aulas se basearão principalmente na comparação: objetos idênticos, figuras idênticas ou objetos com figuras exatamente iguais aos objetos. Es-

tes objetos podem quase sempre ser simples e comuns: pequenos animais de brinquedo, carrinhos, aeroplanos, blocos de madeira de formas e cores variadas. Objetos caseiros também são úteis: pentes, escovas de dentes, par de sapatos, colheres, facas e garfos. Algumas vezes você poderá usar frutas e legumes: 2 maçãs, 2 laranjas, 2 bananas, 2 cenouras, 2 batatas. A criança muito pequena preferirá objetos que ela possa sentir, segurar e manusear antes de se interessar pelas figuras, portanto, comece com uma coleção de coisas usuais muito simples e pequenos brinquedos atraentes. Estes não são apenas brinquedos para brincar mas material para lições e devem ser considerados como tal. Podemos acrescentar, como sugerimos no anexo que enviamos com o seu primeiro capítulo, que é uma boa idéia ter uma coleção de objetos e brinquedos para as lições e outra igual para brincar noutras horas quando a criança se interessar por eles. Há excelentes folhetos dizendolhe como fazer brinquedos e jogos para jardins e se algum membro da família tem habilidade para usar o martelo e pregos não deixe de encomendar alguns desses livrinhos descritivos.

ATIVIDADES DO PRÉ-ESCOLAR

O que você pode esperar do seu filho em relação à idade

O esquema seguinte serve para referência durante todo o ano em que você estará usando este curso. O seu filho poderá ter entre 2 e 5 anos e meio de idade e

há grandes diferenças de capacidade e de execução entre crianças nessas idades, não só diferenças individuais mas diferenças relativas à idade da criança.

Uma criança de dois anos e meio é muito mais adiantada do que a de dois, e a de 3 anos é capaz de fazer muitas coisas que a de 2 não fará. Embora não haja uma regra absoluta de capacidades e tendências peculiares aos diferentes períodos de idade,

ser-lhe-á útil ter uma idéia do que pode ser esperado, para não ficar desanimado quando o seu filho não fizer bem um certo exercício, e também no caso dêle executar bem e logo se desinteressar do exercício vocal.

(Continua no próx. número)



PODE O SURDO GUIAR VEÍCULOS?

O Tribunal de Bruxelas responde afirmativamente: "conduzir prudentemente os veículos na via pública requer uma grande atenção, dependendo exclusivamente da visão".

É de notar-se que no surdo, geralmente, o sentido da visão é mais desenvolvido que nas outras pessoas.

Acresce ainda a vantagem que eles não podem distrair-se com a conversação dos ocupantes do veículo.

Para terminar, eis algumas opiniões sôbre os motoristas surdos:

Do major Birdrong, chefe da Sureté:

"Os surdos são melhores motoristas que os ouvintes. Acredito que aqueles são mais prudentes do que estes".

De Stephen Morris, que vem examinando motoristas há 25 anos:

"Os testes clínicos dos exames de coordenação: olhos e mãos, olhos e pés, acuidade visual, calma e rapidez, provam que os surdos alcançam os melhores pontos".

Provando essas afirmações, na Suíça, existem sessenta surdos que dirigem veículos, não havendo ocorrido nenhum acidente com os mesmos, até a presente data.

SUMÁRIO

	Págs.
— Nosso primeiro aniversário	1
— Material pedagógico	2
— O surdo na sociedade	3
— Elza Dreifuss — surda e cega... mas feliz!	7
— A poesia e os surdos	9
— A página do surdo	11
— Problemas da surdez em S. Paulo	17
— Os Surdos e o XXXVI C. E. I.	22
— Respondendo ao leitor	23
— Diversos	24
— Da análise dos sons vocais	25
— Instruções aos pais	29
— Pode o surdo guiar veículos?	35

**APARÉLHOS
PARA**

SURDEI

TELEX

Apresentamos à distinta Classe Médica o aperfeiçoadíssimo aparelho "TELEX TELEMASTER" modelo 17, de amplificação máxima, com 5 "Transistors", especialmente indicado para casos de hipoacusia profunda, e o modelo 957, leve e de tamanho reduzido para casos de hipoacusia média e pequena.

**MODELAGEM INDIVIDUAL — OFICINAS PRÓPRIAS DE
CONCERTOS E PRÓTESE AURICULAR — AUDIOMETRIA**

CENTRO AUDITIVO TELEX S. A.

- Rio de Janeiro — Av. Rio Branco, 138 — 13.º and. — tel. 22-6662
São Paulo — R. 24 de Maio, 250 — 12.º and. — tel. 36-1655
Curitiba — R. Barão do Rio Branco, 41 — 6.º andar
Belo Horizonte — Av. Afonso Pena, 740 — 1.º andar
Porto Alegre — R. dos Andradas, 1.409 — 5.º andar
Recife — Av. Guararapes, 50 — 3.º andar

SE...

VOCÊ É MÉDICO-OTO-RINO

VOCÊ É PROFESSOR DE SURDOS

**VOCÊ É UM ESTUDIOSO DOS DISTÚRBIOS
DA LINGUAGEM E DA PALAVRA
PROVENIENTES DA SURDEZ**

**VOCÊ É PROFESSOR DE PSICOLOGIA, FILO-
SOFIA OU METODOLOGIA DA LIN-
GUAGEM HUMANA**

ENTÃO

VOCÊ SERÁ NOSSO ASSOCIADO